

Áreas nobres também sofrem sem esgoto

Ailton C. Freitas

Luiza Damé

A falta de rede coletora de esgotos — ao contrário do que se imagina — não é um problema que atinge apenas aos moradores dos novos assentamentos do DF ou da periferia, onde parte dos detritos é jogado a céu aberto. Na área mais nobre de Brasília — os lagos Sul e Norte — também não há rede coletora e os proprietários das casas são obrigados a construir fossas sépticas individuais para depositar os esgotos domésticos. Essa situação demonstra o baixo nível de investimento no setor, que nos últimos cinco anos cresceu pouco mais de 10%, enquanto o índice de crescimento populacional do DF chegou a aproximadamente 30% — em média 5% ao ano.

O presidente da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), Antônio de Pádua, reconhece que o saneamento básico não integrava a lista de prioridades dos últimos governos do Distrito Federal. Segundo ele, além da escassez de recursos para o setor, as obras de implantação das redes coletoras e de tratamento são muito caras. Somente para construir quatro estações de tratamento de esgotos no DF — sem incluir as tubulações para circulação dos detritos —, a previsão da Superintendência de Operações e Tratamento de Esgotos da Caesb é que seria necessário aplicar 215 milhões de BTN's, o equivalente a mais de Cr\$ 9 milhões.

Política

Embora destaquem que as obras são caras e os recursos para o setor reduzidos os, técnicos, políticos e comunidade acredita que há ainda outros fatores impedindo maiores investimento em saneamento, especialmente a falta de interesse político e a má administração das verbas. Na opinião do deputado federal Augusto Carvalho (PCB/DF) e do presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção DF (IAB/DF), José Roberto Bassul, a Caesb importa tecnologias caras, em detrimento de ou-

tras mais baratas e defendidas por técnicos locais.

Conforme Augusto Carvalho, "a política da Caesb é fazer grandes obras, favorecendo às grandes empreiteiras e usando técnicas mais caras, dispensando ainda mais os poucos recursos destinados ao setor". No entanto, Pádua disse que a Caesb procura usar a tecnologia mais moderna e adequada à realidade do DF e se não há mais investimento é porque realmente estão faltando recursos. "Eu espero que com a nova estrutura montada pelo Governo Federal, que criou a Secretaria Nacional de Saneamento, o setor seja melhor contemplado", afirmou o presidente da Caesb.

Votos

Residente no Lago Sul, onde apenas 15% dos habitantes são servidos por rede de esgotos e os demais possuem fossa séptica, o bancário aposentado Abner Garcia entende que os políticos "não têm interesse em construir rede de esgoto, que ficam embaixo da terra e não dão votos". Defendendo que rede coletora "não é uma obra de fachada", o deputado federal Valmir Campelo (PTB/DF) acha que saneamento básico deve ser sempre prioridade e lembra que quando foi administrador de Taguatinga implantou o sistema de esgotos nas QSD, QSE e QSF, "atendendo reivindicações da comunidade".

Para o presidente do IAB/DF, a falta de interesse político é apenas um componente que dificulta o investimento na ampliação da rede de esgotos, mas que acaba sendo ultrapassado pela má administração dos recursos. Bassul entretanto defende que é mais importante investir em infra-estrutura na periferia que nos lagos Sul e Norte. "Embora não seja o ideal, a fossa séptica também é uma forma de tratamento de esgotos e não seria justo aplicar recursos para atender a um número menor de pessoas, que já possuem uma boa infra-estrutura pública", justificou o arquiteto, ressaltando que "os moradores do Lago reclamam porque eles não conhecem a Samambaia".

Problema piora quando chove

O período de chuvas é considerado a época mais crítica pelos moradores dos lagos Sul e Norte que não possuem rede coletora de esgotos e precisam usar fossas sépticas individuais para depositar os detritos domésticos. Segundo o bancário aposentado Abner Garcia, residente no conjunto 4 da QI 17, no Lago Sul, quando começam as chuvas, o terreno fica encharcado e normalmente as fossas transbordam, exalando mau cheiro. "É uma situação terrível", reconheceu Abner.

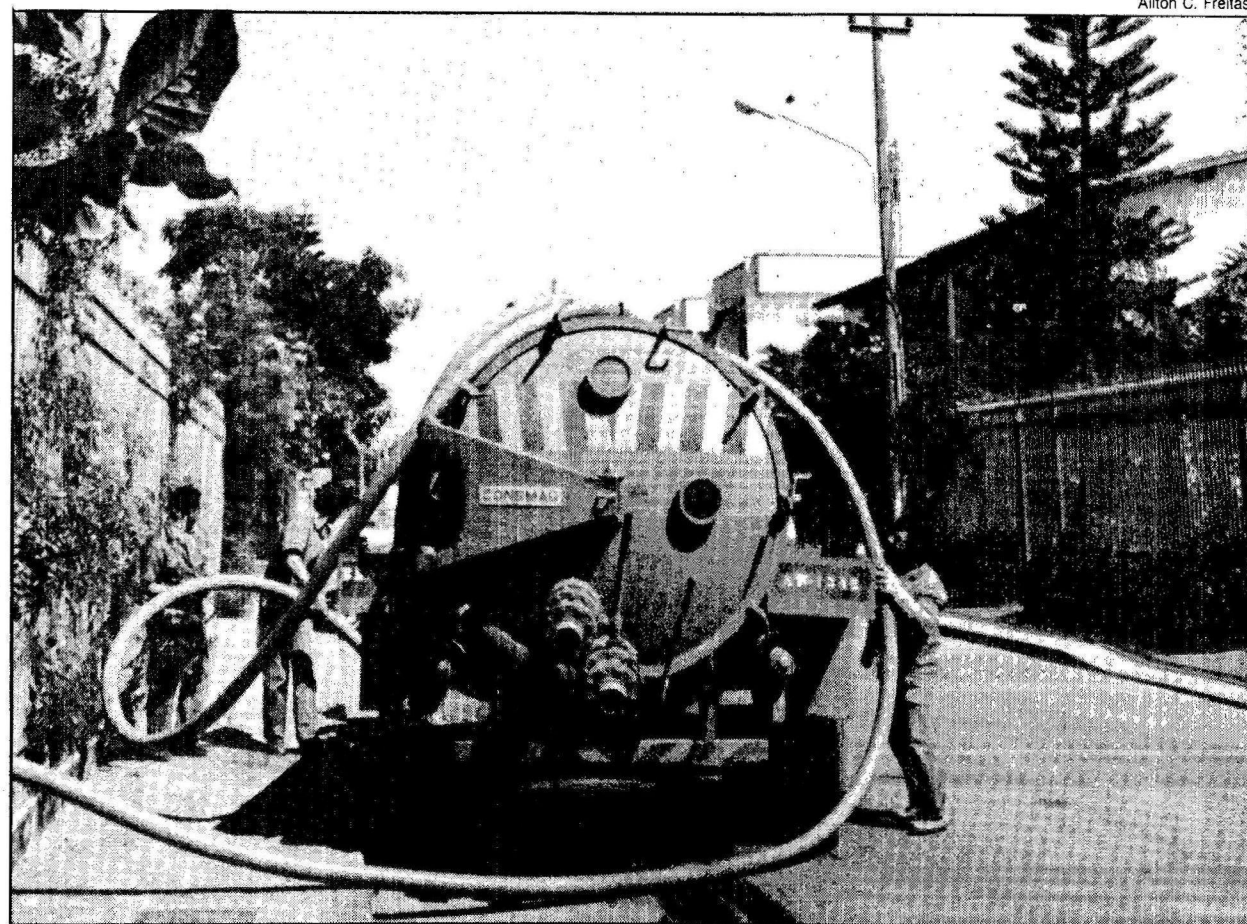
Ele mora com a família há dois anos e meio no Lago Sul e desde então já fez três limpezas na fossa da sua residência devido aos transbordamentos. "Eu espero que em breve o Lago também tenha rede de esgotos, porque daqui a algum tempo nós não teremos mais espaço para construir sumidouros", afirmou. Ele justifica que o terreno de Brasília não absorve a água com facilidade e é preciso ficar construindo sumidouro pelos pátios que — apesar de grandes — não serão suficientes para abrigar tantas obras.

Cheiro

Embora informe que a fossa da sua residência é bem construída, a psicóloga Vânia Camargo, residente na QL 3, conjunto 8, Lago Norte, enfrenta problemas com o mau cheiro. "A fossa daqui é bem fechada, mas às vezes quando saio para dar uma volta no Lago, o cheiro está insuportável e dá para perceber algumas fossas mal vedadas", argumentou.

Vânia não entende porque uma árca, onde os moradores pagam altos valores de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), não possui coletoras de esgotos. "Em pleno século XX é inadmissível que não tenhamos rede de esgotos. Ainda mais numa região valorizada como o Lago, onde as residências chegam a até 500 metros quadrados de construção", reclamou a psicóloga, destacando que "falta de esgotos é problema de periferia".

Também acreditando que "fossa séptica fosse coisa de interior", a dona de casa Rosaline Pereira, moradora na QI 27, conjunto 19, Lago Sul, ficou decepcionada ao saber que estava morando numa área sem rede coletora de esgoto. "É um problema. Quando chove, alaga tudo e quando o tempo está seco, exala mau cheiro", queixou-se, acrescentando que "não dá nem para curtir a piscina direito, por causa do cheiro". A limpeza das fossas é feita pela Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) ou por empresas particulares (L.D.)



Empresas particulares ou a própria Caesb fazem a limpeza das fossas sépticas do Lago Sul e Norte

Existem vários modelos de fossas

A fossa séptica não é o sistema ideal de tratamento dos esgotos, conforme o presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção DF (IAB/DF), José Roberto Bassul, mas pode ser perfeitamente utilizada em loteamentos onde há baixa densidade populacional. Para isso, deve ser projetada de acordo com o número de pessoas que irão usá-la, podendo ser construída de forma redonda ou retangular, de ti-

jolo maciço, furados, ou até de concreto. Também já existem modelos pré-moldados de fossa.

Segundo técnicos da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), na fossa séptica é feita a separação da parte líquida dos esgotos da sólida. O líquido passa para o sumidouro, enquanto os sólidos são retidos no fundo da fossa, que deve ser limpa a cada dois anos, para evitar os transborda-

mentos. No sumidouro, a parte líquida do esgoto infiltra-se pelo solo e por isso, as suas paredes devem ser vazadas. O seu tamanho também depende do número de pessoas que vão utilizá-lo e da capacidade de infiltração do solo. Os terrenos arenosos têm boa capacidade de infiltração e o sumidouro tende a ser pequeno, ao contrário dos terrenos argilosos, que precisam de sumidouros maiores. (L. D.)

Somente 32% têm tratamento

Embora o nível de atendimento — 89% da população do DF possuem rede coletora de esgotos — seja considerado satisfatório por técnicos da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), o mesmo não se pode afirmar com relação ao tratamento. Apenas 32% dos 8,5 milhões de metros cúbicos de esgotos produzidos mensalmente no Distrito Federal recebem tratamento. O restante é jogado em estado bruto nos córregos do entorno, especialmente em Planaltina, Gama, Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, onde o índice de tratamento é zero.

REDE COLETORA

região	população	índice de atendimento	índice de tratamento
Bacia do Paranoá (*)	620 mil habitantes	86%	45%
Planaltina	58 mil habitantes	77%	zero
Sobradinho	85 mil habitantes	95%	100%
Brazlândia	28 mil habitantes	100%	100%
Gama	187 mil habitantes	80%	zero
Taguatinga/Samambaia/Ceilândia	800 mil habitantes	79%	zero

Fonte: Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb)

* Inclui: Asa Sul, Asa Norte, Lago Sul, Lago Norte, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Guará, Setor de Indústria e Abastecimento, Octogonal, Cruzeiro, Setor Militar Urbano, Vila Planalto e Paranoá

REDE DE ESGOTO

período	extensão (m)	crescimento(*)	população atendida
dezembro/85	1.707.563		1.363.023
dezembro/86	1.780.104	4,25%	1.451.888
dezembro/87	1.806.652	1,5%	1.539.440
dezembro/88	1.888.080	4,5%	1.566.592
dezembro/89	1.890.327	0,12%	1.577.970
março/90	1.890.673	0,02%	1.560.288

Fonte: Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb)

* Índice calculado pelo IBR a partir de 85